



RAMALHO, Christina. Epopeia/Poema épico. Epopeya/Poema épico. Épopée/Poème Épique. Epic Poem. In: **Revista Épicas**. Ano 3, Número Especial 2, Set 2019, p. 1-13. ISSN 2527-080X.

EPOPEIA/POEMA ÉPICO. EPOPEYA/POEMA ÉPICO ÉPOPÉE/POÈME ÉPIQUE. EPIC POEM

Christina Ramalho¹

1.

Definir “epopeia” em termos de sua caracterização como um gênero literário não é tarefa fácil. Muitas serão, inclusive, as publicações teóricas e críticas em que o leitor encontrará referências às epopeias como manifestações ligadas a uma tradição antiga, que teria se esgotado no século XVIII, a partir de quando obras literárias de natureza semelhantes às epopeias do passado, principalmente pelo viés da herança homérica, seriam meras composições repletas de arcaísmos e não mais condizentes com o mundo inaugurado já no Renascimento. De igual modo, se ouvirá falar de visões que destituem o “Novo Mundo” de epicidade, entendendo haver nações naturalmente não-afeitas ao gênero épico. Este, entretanto, não é o espaço para dimensionar e discutir essas visões que, de certo modo, negam a permanência e as transformações da epopeia como

¹ Professora-Doutora (Letras, UFRJ, 2004) da Universidade Federal de Sergipe. Coordenadora, com Margaret Anne Clarke, do GT 5 – Historiografia épica. Membro do REARE, do GELIC e do IIS.

gênero, não se abrindo, por exemplo, à possibilidade de refletir sobre muitas produções que acenam para o épico na contemporaneidade.

Claro está que uma proposta de Mapeamento de Obras Épicas, que reúne o Centro Internacional e Multidisciplinar de Estudos Épicos (CIMEEP), o *Réseau Euro-Africain de Recherches sur les Épopées* (REARE, <https://reare.univ-rouen.fr/>), o *Projet Épopée* (<http://ouvroir-litt-arts.univ-grenoble-alpes.fr/revues/projet-epopee/>) e o *Centre de Recherches sur les Littératures et la Sociopoétique* (CELIS, <https://www.uca.fr/recherche/structures-de-recherche/laboratoires/centre-de-recherches-sur-les-litteratures-et-la-sociopoetique-1092.kjsp>), para a realização de uma extensa cartografia da produção épica através do tempo e dos espaços, não parte de uma visão daquela natureza. A epopeia, para todos – ou quase todos – que integram esses centros e projetos de pesquisa, é um gênero vivo, ainda que boa parte dos estudos realizados se volte para a tradição épica, o que faz com que obras clássicas e universalmente conhecidas estejam presentes e sejam constantemente revisitadas por olhares críticos que as contemplam a partir de novos referentes. De igual modo, há, no CIMEEP, no REARE, no *Projet Épopée* e no CELIS, pesquisas voltadas para outros enfoques e *corpora*, como o estudo de produções épicas mais recentes; as relações entre a produção épica e outras artes; as conexões entre as obras épicas e outras áreas do conhecimento; as abordagens à oralidade épica, às questões políticas, aos registros populares etc.

Entretanto, também cabe dizer, o fato de se ter, em geral, a ideia da epopeia como um gênero vivo não significa que, necessariamente, todos tenham a mesma visão teórica sobre a natureza desse tipo de produção. Ainda que a base teórica principal que levou à criação do CIMEEP tenha sido a “Teoria épica do discurso”, de Anazildo Vasconcelos da Silva, que está na base da maioria dos estudos épicos realizados no Brasil desde os anos 80 do século XX, a própria formação inicial do centro já possibilitou a chegada de pensamentos diferentes, o que, de fato, enriqueceu os estudos brasileiros, mas também proporcionou aos membros estrangeiros o acesso a visões teóricas e a produções épicas que também lhes trouxeram novidades. Por exemplo, a presença generosa de alguns membros do *Réseau Euro-Africain de Recherches sur les Épopées* (REARE), fundado em novembro de 2000, como membros-fundadores do CIMEEP, abriu muitas possibilidades de novos diálogos, sempre com grande respeito pela diversidade

de pontos de vista, cabendo destacar a importância de dois grandes nomes da área de Estudos Épicos – que infelizmente não estão mais entre nós – cujas trajetórias como grandes especialistas e historiadores da literatura épica (com destaque para a africana) continuam a servir de inspiração para quem se dedica ao estudos de obras épicas: Lilyan Kesteloot e Bassirou Dieng.

Todas essas referências servem para explicar a decisão da comissão científica de estruturar o mapeamento a partir de subgêneros que permitem uma organização mais democrática dos verbetes, mas que, de modo algum, impedem que se mantenham visões divergentes em relação à própria inserção dos verbetes nessas categorias. A opção, por exemplo, por distinguir “epopeia/poema épico” de “epopeia oral” deveu-se apenas ao fato de que as abordagens a obras que circulam pela via da oralidade e as que circulam sob forma de livros são bem diferentes. Dar destaque a essa diferença, por meio do registro em cores distintas no mapa em si, foi um modo de tornar mais visíveis os espaços por onde as epopeias orais circulam mais fortemente. No entanto, nada impede – muito pelo contrário – que consideremos ambas as produções como “epopeias”. O mesmo se pode dizer da categoria “canção de gesta”, cujo destaque como um subgênero à parte se fundamenta apenas pela intenção de também fazer ressaltar, aos olhos de quem vê o mapa, os caminhos desse tipo de manifestação épica.

As referências bibliográficas discriminadas ao fim desta descrição indicarão excelente repertório de leitura sobre o gênero épico, que vão desde as considerações de Cecile Bowra à visão inovadora e política de Florence Goyet, entre muitos outros nomes.

No que se refere, especificamente, à categoria “epopeia/poema épico”, chegou-se a uma definição bastante abrangente, que evitasse limitar a inserção de verbetes a um recorte teórico muito específico. Assim, conjugando diversas abordagens, foi possível perceber que há aspectos comuns que permitem que essa categoria reúna obras de tempos e lugares distintos. Por isso, de forma sintética, serão tratadas como “epopeias/poemas épicos” poemas longos, publicados em forma de livro, nos quais se reconheçam: a presença da história, do mito e do heroísmo, consideradas, evidentemente, as próprias transformações desses conceitos através dos tempos; e a enunciação que mescla a voz lírica e a voz narrativa. Será o modo como cada autor descreverá a epopeia escolhida que poderá revelar alguma particularidade teórica em

termos de abordagem ao gênero. O princípio da inserção de obras no subgênero epopeia/poema épico é, por tudo isso, bastante democrático.

(Christina Ramalho – UFS/CIMEEP/REARE/IIS)

2.

Definir “**epopeya**” en términos de su caracterización como género literario no es tarea fácil. Muchas incluso serán las publicaciones teóricas y críticas en las que el lector encontrará referencias a las epopeyas como manifestaciones vinculadas a una antigua tradición que se habría agotado en el siglo XVIII, desde cuando se encontrarían obras literarias de naturaleza similar a las epopeyas del pasado, especialmente por el sesgo de la herencia homérica, pero que serían meras composiciones llenas de arcaísmos y no en consonancia ya con el mundo inaugurado desde en el Renacimiento. Del mismo modo, escucharemos visiones que privan al “Nuevo Mundo” de la epicidad, entendiendo que hay naciones naturalmente no afectadas por el género épico. Sin embargo, este no es el espacio para dimensionar y discutir estos puntos de vista que, de alguna manera, niegan la permanencia y las transformaciones de la epopeya como género, sin abrirse, por ejemplo, a la posibilidad de reflexionar sobre muchas producciones que apuntan sobre la epopeya en la contemporaneidad.

Por supuesto, una propuesta para una Cartografía de Obras Épicas, que reúne el Centro Internacional e Multidisciplinar de Estudios Épicos (CIMEEP), el *Réseau Euro-Africain de Recherches sur les Épopées* (REARE, <https://reare.univ-rouen.fr/>), o *Projet Épopée* (<http://ouvroir-litt-arts.univ-grenoble-alpes.fr/revues/projet-epopee/>), el *Projet Épopée* (<http://ouvroir-litt-arts.univ-grenoble-alpes.fr/revues/projet-epopee/>) y el *Centre de Recherches sur les Littératures et la Sociopoétique* (CELIS, <https://www.uca.fr/recherche/structures-de-recherche/laboratoires/centre-de-recherches-sur-les-litteratures-et-la-sociopoetique-1092.kjsp>), para la realización de una extensa cartografía de producción épica a través del tiempo y de los espacios, no se puede partir de una visión que niega la permanencia de la epopeya. La epopeya, para todos – o casi todos – aquellos que integran estos centros y proyectos de investigación, es un género vivo, aunque gran parte de los estudios realizados se centran en la tradición épica, lo que mantiene entre las producciones estudiadas las obras clásicas y

universalmente conocidas que son constantemente revisadas por miradas críticas que las contemplan desde nuevos referentes. Del mismo modo, hay investigaciones que ocurren en el CIMEEP, REARE, *Projet Épopée* y CELIS que están centradas en otros enfoques y corpus, como el estudio de producciones épicas más recientes; las relaciones entre producción épica y otras artes; las conexiones entre obras épicas y otras áreas de conocimiento; enfoques de oralidad épica, cuestiones políticas, registros populares, etc.

Sin embargo, también debe decirse que la idea general de la epopeya como género vivo no significa necesariamente que todos tengan la misma visión teórica de la naturaleza de este tipo de producción. Aunque la principal base teórica que condujo a la creación del CIMEEP fue la “Teoría épica del discurso”, de Anazildo Vasconcelos da Silva, que es la base de la mayoría de los estudios épicos realizados en Brasil desde la década de 1980, la formación inicial del centro ya ha permitido la llegada de diferentes pensamientos, lo que, de hecho, enriqueció los estudios brasileños, pero igualmente proporcionó a los miembros extranjeros acceso a conocimientos teóricos y producciones épicas que también les trajeron novedades. Por ejemplo, la generosa presencia de miembros del *Réseau Euro-Africain de Recherches sur les Épopées* (REARE), fundado en noviembre de 2000, como miembros fundadores del CIMEEP, ha abierto muchas posibilidades para nuevos diálogos, siempre con un gran respeto por la diversidad de puntos. Vale la pena señalar la importancia de dos grandes nombres en el área de Estudios Épicos – que desafortunadamente ya no están con nosotros – cuyas trayectorias como grandes especialistas e historiadores de la literatura épica (especialmente africana) continúan inspirando a quienes se dedica al estudio de obras épicas: Lilyan Kesteloot y Bassirou Dieng.

Todas estas referencias sirven para explicar la decisión del comité científico de estructurar la cartografía a partir de subgéneros que permitan una organización más democrática de las entradas, pero que de ninguna manera evitan puntos de vista divergentes con respecto a la propia inserción de algunas entradas en estas categorías. La elección, por ejemplo, de distinguir “epopeya/poema épico” de “epopeya oral” se debió únicamente al hecho de que los enfoques de las obras que circulan oralmente y de las que circulan en forma de libros son bastante diferentes. Destacar esta diferencia, al registrar diferentes colores en el mapa en sí, pareció una forma de hacer más visibles los espacios a través de los cuales las epopeyas orales circulan más fuertemente. Sin

embargo, nada impide, sino todo lo contrario, que consideremos ambas producciones como “epopeyas”. Lo mismo puede decirse de la categoría “cantar de gesta”, cuya prominencia como un subgénero separado se basa únicamente en la intención de destacar también, ante los ojos del espectador, los caminos por el mapa de este tipo de manifestación épica.

Las referencias bibliográficas desglosadas al final de esta descripción indicarán un excelente repertorio de lectura sobre el género épico, que abarca desde las consideraciones de Cecile Bowra hasta la visión innovadora y política de Florence Goyet, entre muchos otros nombres.

Con respecto específicamente a la categoría “epopeya/poema épico”, se llegó a una definición muy amplia, que evitó limitar la inserción de entradas a un marco teórico muy específico. Por lo tanto, al combinar diferentes enfoques, nos fue posible percibir la existencia de aspectos comunes que permiten reunir a esta categoría obras de diferentes tiempos y lugares. Por lo tanto, de manera sintética, trataremos como “epopeyas o poemas épicos” los poemas largos publicados en forma de libro, en los que reconocemos: la presencia de la historia, del mito y del heroísmo, evidentemente considerando las transformaciones de estos conceptos a través de las edades; y una enunciación que mezcla la voz lírica y la voz narrativa.

Será la forma en que cada autor describirá la epopeya elegida que puede revelar cierta particularidad teórica en términos del enfoque acerca del género. El principio de inserción de obras en el subgénero epopeya/poema épico es, por todas estas razones, bastante democrático.

(Christina Ramalho – UFS/CIMEEP/REARE/IIS)

3.

Définir l' « **épopée** » en tant que genre littéraire n'est pas une tâche facile. Il y a sans doute de nombreuses publications théoriques et critiques dans lesquelles le lecteur pourra trouver des références à des épopées en tant que manifestations liées à une tradition ancienne qui aurait été épuisée au XVIII^e siècle, c'est-à-dire à partir du moment où sont apparues des œuvres littéraires imitées des épopées anciennes, principalement

par le biais de l'héritage homérique, simples compositions pleines d'archaïsmes et ne correspondant plus au monde nouveau issu de la Renaissance. De même, il y verra exposer des conceptions selon lesquelles ce monde serait désormais privé d'épicité, sachant aussi qu'il existerait des nations naturellement réfractaires au genre épique. La dimension spatiale manque toutefois pour repenser et réévaluer ces conceptions qui semblent nier la permanence et les transformations de l'épopée en tant que genre, et, par exemple, n'ouvrent pas la possibilité d'envisager de nombreuses productions contemporaines qui s'orientent vers l'épopée.

Il est évident qu'une proposition de Cartographie des Œuvres Épiques, qui associe le Centro Internacional e Multidisciplinar de Estudos Épicos (CIMEEP), le Réseau Euro-Africain de Recherches sur les Épopées (REARE, <https://reare.univ-rouen.fr/>), le Projet épopée (<http://ouvroir-litt-arts.univ-grenoble-alpes.fr/revues/projet-epopee/>) et le Centre de recherches sur les littératures et la sociopoétique (CELIS, <https://www.uca.fr/recherche/structures-de-recherche/laboratoires/centre-de-recherches-sur-les-litteratures-et-la-sociopoetique-1092.kjsp>), en vue de présenter la production épique mondiale à travers le temps et l'espace, ne résulte pas d'une telle conception. L'épopée, pour tous ceux – ou presque tous ceux – qui participent à ces centres, associations et projets de recherche, est un genre vivant, même si la plupart des études réalisées se tournent vers la tradition épique, et se concentrent sur des œuvres classiques universellement connues et constamment revisitées par des regards critiques qui les examinent avec de nouveaux instruments conceptuels. Beaucoup de recherches en cours au sein de ces différentes équipes appliquent d'ailleurs de nouvelles méthodes et portent sur de nouveaux corpus, comme l'étude de productions épiques plus récentes, les relations entre la production épique et les autres arts, les liens entre les œuvres épiques et d'autres domaines de la connaissance, les problématiques liées à l'épopée orale, ainsi que des questions politiques, des manifestations populaires, etc.

Cependant, il faut aussi dire que l'idée générale d'épopée en tant que genre vivant ne signifie pas nécessairement que tout le monde ait une même vision théorique de la nature de ce type de production. Bien que la principale base théorique ayant conduit à la création du CIMEEP ait été la « théorie épique du discours » d'Anazildo Vasconcelos da Silva, qui est à la base de la plupart des études épiques menées au Brésil depuis les années 1980, la formation initiale du centre a déjà permis de prendre contact

avec différentes approches théoriques qui ont d'ailleurs enrichi les études brésiliennes, mais ont également permis aux membres étrangers de renouveler leurs propres outils méthodologiques et d'avoir accès à des productions épiques qui les ont conduits à élargir leur champ d'étude initial. Ainsi, la généreuse présence de certains membres du Réseau Euro-Africain de Recherches sur les Épopées (REARE), fondé en novembre 2000, en tant que membres fondateurs du CIMEEP, a ouvert de nombreuses possibilités de nouveaux dialogues, toujours dans le respect de la diversité des points de vue. Il convient de souligner l'importance de deux grands noms dans le domaine des études épiques – qui ne sont malheureusement plus parmi nous – et dont les trajectoires en tant que grands spécialistes et historiens de la littérature épique (en particulier africaine) continuent de servir d'inspiration à ceux qui se sont dédiés à l'étude des œuvres épiques : Lilyan Kesteloot et Bassirou Dieng.

Ces diverses considérations expliquent la décision prise par le comité scientifique de structurer la cartographie à partir de sous-genres qui permettent une organisation plus complète et égalitaire des notices, mais n'empêchent aucunement les points de vue divergents, y compris dans la présentation des notices elles-mêmes concernant ces différentes catégories. Le choix, par exemple, de distinguer « épopée/poème épique » d'« épopée orale » était dû uniquement au fait que les approches des œuvres diffusées oralement et celles connues sous forme de livres sont très différentes. Souligner cette différence en faisant apparaître des couleurs différentes sur la carte elle-même était un moyen de rendre plus visibles les espaces à travers lesquels l'oralité épique circule le plus fortement. Cependant, rien n'empêche, bien au contraire, que nous considérions les deux productions comme des « épopées ». On peut en dire autant de la catégorie « chanson de geste », dont la notoriété en tant que sous-genre distinct repose uniquement sur l'intention de mettre également en évidence, aux yeux du spectateur, les chemins empruntés par ce type de manifestation épique.

Les références bibliographiques figurant à la fin de cette présentation fourniront un excellent répertoire de lecture sur le genre épique, allant des considérations de Cecile Bowra à la vision innovante et politique de Florence Goyet, parmi beaucoup d'autres.

En ce qui concerne plus particulièrement la catégorie « épopées/poèmes épiques », une définition très large a été établie, qui évite de limiter l'insertion d'entrées à un cadre théorique très spécifique. Ainsi, en combinant différentes approches, il a été

possible de constater qu'il existe des aspects communs qui permettent à cette catégorie de rassembler des œuvres de différentes époques et de différents lieux. Par conséquent, de manière synthétique, nous traiterons en tant qu'« épopées/poèmes épiques » de longs poèmes, publiés sous forme de livre, dans lesquels nous reconnaissons : la présence de l'histoire, de la dimension mythique et de l'héroïsme, bien entendu en envisageant les transformations mêmes de ces concepts à travers les âges ; et l'énonciation qui confond la voix lyrique et la voix narrative.

C'est la façon dont chaque contributeur décrira telle ou telle épopée qui pourra révéler certaines particularités théoriques en termes d'approche du genre. Le principe d'insertion d'œuvres dans le sous-genre « épopée/poème épique » exclut, pour toutes ces raisons, toute idée de hiérarchie.

(Christina Ramalho – UFS/CIMEEP/REARE/IIS)

4.

To define the “**epic poem**” in terms of its characterization as a literary genre is not an easy task. There will be many publications in which the reader will find references to the epic as literary manifestations linked to an ancient tradition. Nearly exhausted by the time of the eighteenth century, from which time literary works of a similar nature to the epics of the past, would be mere compositions full of archaisms, derived from the Homeric tradition, and no longer in keeping with the world inaugurated in the Renaissance. Similarly, the reader will come across theories that do not credit the “New World” with epic forms, assuming that these are nations naturally unaffected and not influenced by the epic genre.

Of course, our project of the Mapping of Epic Works, which brings together the International and Multidisciplinary Center for Epic Studies (CIMEEP), the *Recherches sur les Épopées Euro-Africain* (REARE), the *Projet Épopée* and the *Recherches sur les Littératures Center et la Sociopoétique* (CELIS), for the realization of an extensive cartography of epic production through time and space, does not participate in the ideas presented above. The epic, for all those who integrate these centers and research projects, is indeed a living genre. However, many of the studies included here turn to

the epic tradition, which makes classic and universally known works present and constantly revisited by critical analysis that which considers them from new referents. Similarly, research studies are carried out at CIMEEP, REARE, *Projet Épopée* and CELIS, which are focused on other approaches and corpora, such as the study of more recent epic productions; the relationships between epic production and other arts; the connections between epic works and other areas of knowledge, together with the integration of epic orality, political and contemporary issues, popular records, etc.

However, it must also be said that the general idea of the epic as a living genre does not necessarily mean that everyone holds the same theoretical view concerning the nature of this type of literary production. Although the main theoretical basis that led to the creation of CIMEEP was Anazildo Vasconcelos da Silva's "Epic Theory of Discourse", which is the basis of most epic studies conducted in Brazil since the 1980s, the initial formation of the center has already enabled the arrival of different perspectives. These have enriched Brazilian studies on the subject, but also provided foreign members with access to theoretical insights and epic productions that also led to further innovations. For example, the generous presence of some members of the *Réseau Euro-Africain de Recherches sur les Épopées* (REARE), founded in November 2000, as founding members of CIMEEP, has opened many possibilities for new dialogues, always with great respect for the diverse points of view. It is necessary to highlight the importance of two great names in the area of Epic Studies, Lilyan Kesteloot and Bassirou Dieng, who unfortunately are no longer with us. The trajectories of these two scholars as great specialists and historians of epic (especially African) literature continue to serve as inspiration to those is dedicated to the study of epic works.

All these references explain the scientific committee's decision to structure the mapping from subgenres that allow for a more democratic organization of entries, but which in no way prevent divergent views regarding the insertion of entries themselves into these categories. The choice, for example, to distinguish "epic poem" from "oral epic" was due only to the fact that the approaches to works which circulate in oral form and those circulating in the form of books are quite different. Highlighting this difference by registering different colors on the map itself was a way of making more visible the spaces through which epic orality circulates most strongly. However, nothing prevents – quite the contrary – the consideration of both productions as "epics". The same can

be said of the category “*chanson de geste*”, whose prominence as a separate subgenre derives from the intention of emphasizing for the benefit of the reader, the specific trajectories of this particular epic manifestation.

The bibliographic references included at the end of this description will indicate an excellent reading repertoire on the epic genre, ranging from Cecile Bowra's considerations to Florence Goyet's innovative and political vision, among many other names.

With specific reference to the category “epic poem”, a very broad definition was agreed, which avoided limiting the insertion of entries to a very specific theoretical framework. Thus, through the combination of different approaches, it was possible to realize that there are common aspects that enable scholarship to bring together works from different epochs and from different places. Therefore we will treat as “epic poems” long poems, published in book form, in which we acknowledge the presence of history, myth and heroism. We also assume the transformations of these concepts throughout successive historical epochs; and the enunciation that blends the lyric voice and the narrative voice.

The particular way in which each author describes their chosen epic poem may also reveal some theoretical particularity in terms of approach to gender. The principle of insertion of works within the subgenre of the epic poem is, for all these reasons, quite democratic.

(Christina Ramalho – UFS/CIMEEP/REARE/IIS. English translation y Margaret Anne Clarke)

Referências/Referencias/Références/References

BAKHTIN, Mikhail. Epos e romance: sobre a metodologia do estudo do romance. In: **Questões de literatura e de estética: a teoria do romance**. Trad. Aurora F. Bernardini et al. 4. ed. São Paulo: Editora UNESP, 1998. p. 397-428.

BOUTET, Dominique, **La chanson de geste**, Paris, Presses Universitaires de France, « écriture », 1993.

BOWRA, Cecile. **Heroic Poetry**. London: Macmillan Press Ltd., 1952.

- BOWRA, Cecile. **Virgílio, Tasso, Camões e Milton**: Ensaio sobre a epopeia. Porto: Livraria Civilização, 1950.
- DUMEZIL, Georges. **Myth and Epic**. Paris: Gallimard, "Biblioteca de Ciências Humanas", 3 vols., 1968-1973; reimpressão em 1 volume, Paris, Gallimard, "Quarto", 1995.
- GOYET, Florence. **Penser sans concepts, fonction de l'épopée guerrière** (Iliade, Chanson de Roland, Hôgen et Heiji monogatari). Paris: Champion, 2006.
- GRISWARD, Joel H. **Arqueologia do épico medieval**. Paris: Payot, "Historical Library", 1981.
- HIGHET, Gilbert. **La tradición clásica** (The classic tradition). V. I. Mexico: Fondo de Cultura Económica, 1954 (A).
- HIGHET, Gilbert. **La tradición clásica** (The classic tradition). V. II. Mexico: Fondo de Cultura Económica, 1954 (B).
- KELLER, Lynn. **Forms of expansion**. Recent long poems by women. Chicago: University of Chicago Press, 1997.
- KESTELOOT, Lilyan ; Dieng, Bassirou. **Les épopées d'Afrique Noire**. Paris: Édition Karthala/Unesco – Paris, 2009.
- KESTELOOT, Lilyan. **Histoire de la Littérature Négro-africaine francophone**. Paris: Aupelf/Karthala, 2001.
- KRAUSS, Charlotte; URBAN, Urs (Eds.). **L'épopée retrouvée: Motifs, formes et fonctions de la narration épique du début du XXe siècle à l'époque contemporaine / Das wiedergefundene Epos. Inhalte, Formen und Funktionen epischen Erzählens vom Beginn des 20. Jahrhunderts bis heute**" Berlin, LIT-Verlag, 2012.
- LE BLANC, Claudine. **Une littérature en archipel**. La tradition orale de La Bataille de Piriapattana au Karnataka. Inde du sud: Champion, 2005.
- LEITE, Ana Mafalda. **A modalização épica nas literaturas africanas**. Lisboa: Veja, 1995.
- LUKÁS, George. **A teoria do romance: um ensaio histórico-filosófico sobre as formas da grande épica**. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2000.
- MADELENAT, Daniel, **L'épopée**, Paris, Presses Universitaires de France, « Littératures modernes », 1986.
- MARTIN, Jean-Pierre. **Les motifs dans la chanson de geste**. Définition et utilisation (Discours de l'épopée médiévale 1). Paris : Honoré Champion Éditeur, 2017.
- NEIVA, Saulo (Dir.) **Désirs & débris d' épopée au XXe siècle**. Bern 9: Peter Lang, 2009.

- NEIVA, Saulo. **Avatares da epopeia na poesia brasileira do fim do século XX**. Recife: Massanga, Ministério da Cultura, 2008.
- POLLMANN, Leo. **La épica en las literaturas románicas**. Barcelona: Editorial Planeta, 1973.
- RAMALHO, Christina. **Elas escrevem o épico**. Florianópolis: ed. Mulheres; Santa Cruz do sul: EDUNISC, 2005.
- RAMALHO, Christina. **Vozes épicas: história e mito segundo as mulheres**. Tese de doutorado. Rio de Janeiro: UFRJ, 2004, 825 p.
- RAMALHO, Christina. **Poemas épicos: estratégias de leitura**. Rio de Janeiro: UAPÊ, 2013.
- Rumeau, Delphine (Coord). **Permanence de la poésie épique au Xxe siècle** (Akhmatova, Hikmet, Neruda, Césaire). Paris : CNED, Puf, 2009.
- SILVA, Anazildo Vasconcelos da. **Formação Épica da Literatura Brasileira**. Rio de Janeiro: Elo, 1987.
- Silva, Anazildo Vasconcelos da; Ramalho, Christina. **História da epopeia brasileira**. Vol. 1. Rio de Janeiro: Garamond, 2007.
- Silva, Anazildo Vasconcelos da; Ramalho, Christina. **História da epopeia brasileira**. Vol. 2. Rio de Janeiro: Garamond, 2015.
- STAIGER, Emil. **Conceitos fundamentais da poética**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1972.
- SUARD, François, **La chanson de geste**, Paris, Presses Universitaires de France, « Que sais-je ? », 1993.